

Sonoridades do Trem na cidade de Pelotas-RS: algumas questões sobre ruído.

Andressa Pereira¹; Claudia Turra Magni²

¹UFPEL – andressappereira@hotmail.com

²UFPEL – clauturra@yahoo.com.br

1. INTRODUÇÃO

Nesta apresentação, procuro entender os sons como objeto de estudo do campo da Antropologia, tal como desenvolvi em minha pesquisa de mestrado sobre “Sonoridades do trem na cidade de Pelotas-RS: percepções e significados”, defendida no Programa de Pós-Graduação em Antropologia da UFPEL. O estudo explora a relação de moradores de diferentes regiões da cidade com a presença deste som, emitido por um meio de transporte que já foi símbolo da Modernidade, mas que atualmente, restrito à circulação de carga, remete a um passado próspero que se dissolve nos trilhos de ferro e na memória coletiva.

Apoiada em referenciais teóricos, destacarei depoimentos de alguns moradores do Bairro Simões Lopes, antiga vila ferroviária, onde também se encontra o prédio da estação férrea, patrimonializado e requalificado, com previsão de instalação de um Memorial em sua ala central. Acredito que estas impressões e percepções que obtive através de método etnográfico, possam elucidar os significados atribuídos a este ruído no cotidiano da cidade.

Para explorar o ruído como perspectiva teórica de análise, conto com a noção de paisagem sonora, do compositor e educador musical Murray Schafer (2001). Ele acredita que o ambiente sonoro de uma sociedade pode ser lido como um indicador das condições sociais que a produzem, revelando vários aspectos das tendências de um contexto social. Para compreender a paisagem sonora, segundo o autor é “preciso descobrir aspectos significativos, aqueles sons que são importantes por causa de sua individualidade, quantidade ou preponderância” (SCHAFER, 2001, p.26).

Devido à sua propagação, o som é percebido em diferentes lugares da cidade, integrando-se, por alguns momentos, à paisagem sonora do ambiente. Schaffer (2001, p.26) comenta que essa “marca sonora se refere a um som da comunidade que seja único ou que possua determinadas qualidades que o tornem especificamente significativo ou notado pelo povo daquele lugar”. O autor explica que esses sinais são sons destacados orientados para a comunidade, são sinais que “precisam ser ouvidos porque são recursos de avisos acústicos: sinos, apitos, buzinas e sirenes” (*idem, ibidem*). Estes sinais são familiares para as pessoas que se relacionam de diferentes formas com esse som.

No caso a que nos atemos, trata-se do som e apito emitidos pelo trem de carga, que permanece em atividade, sem mais transportar passageiros desde a década de noventa.

2. METODOLOGIA

Segundo a antropóloga Viviana Vedana (2008) as sonoridades configuram ambiências, constroem práticas cotidianas e constituem dimensões culturais e sociais que a proposta de uma etnografia busca investigar. Para ela, “trata-se de uma intervenção metodológica e científica inspirada na abordagem de uma

antropologia das formas sensíveis, de observações dos sons, do minúsculo, do banal e do ordinário das nossas vidas” (VEDANA, 2008, p.70).

Por sua vez, o músico e ecologista, Bernie Krause (2013, p. 38) acredita que o “som é revelador e tem capacidade de evocar um lugar como uma fotografia”. Neste sentido, tomei como principal recurso de pesquisa, o compartilhamento da sonoridade do trem com meus interlocutores, questionando-os sobre as sensações e lembranças por ele evocadas. Desenvolvi meu trabalho de campo tanto na antiga estação férrea e seus arredores, no Bairro Simões Lopes, onde ainda vivem algumas famílias da antiga vila ferroviária, quanto nos arredores da praça central da cidade, coronel Pedro Osório, situada cerca de 1 km de distância da ferrovia, com coletivos que desfrutavam do espaço público. Assim, para além de alguns momentos privilegiados, em que pude compartilhar a escuta do trem com meus interlocutores na hora em que ele transitava, ampliei meu campo de interlocução oferecendo a gravação deste som com um fone de ouvido e um equipamento de mp3. Este procedimento de partilha da escuta da sonoridade do trem e registro sonoro destes depoimentos integrou-se ao método etnográfico tradicional, baseado na relação direta com as pessoas pertencentes ao meu universo de investigação, através das técnicas de observação participante (MALINOWSKI, 1978) e observação flutuante (PETONNET, 2008), com registro de dados em gravação e diário de campo.

Reiterando os princípios éticos da pesquisa e a importância da restituição de seus resultados à sociedade, dois ferroviários aposentados, interlocutores privilegiados, estiveram presentes durante a defesa desta dissertação na Universidade Federal de Pelotas – diálogo que permanece vivo através de uma rede de pesquisa e extensão em que este estudo se insere.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Krause (2013, p. 149) explica que o som no mundo divide-se em dois tipos básicos: desejáveis e indesejáveis. Para ele, o ruído cai no tipo indesejável, o qual, algumas vezes, atrai a atenção sem fornecer informações úteis. Krause (2013, p.149) explica que o ruído exerce efeitos nocivos sobre nós e que, “o cérebro trabalha duro, filtrando os sons indesejáveis para que possamos processar as informações relevantes”. Nas sociedades industriais, diz ele, o sinal e o ruído estão sempre competindo por nossa atenção visual ou auditiva, “de modo que consumimos bastante energia separando os detritos das informações úteis” (KRAUSE, 2013, p.149).

Schafer (2001, p.113) acredita que estamos nos defrontando com um enigma nos últimos séculos, com o “grande aumento de ruído que as máquinas criam, é raro encontrar alguém contra elas”. O autor acredita que o aumento de intensidade da potência do som é a característica mais marcante da paisagem sonora industrializada:

A indústria precisa crescer: portanto, seus sons precisam crescer com ela. Esse é o tema estabelecido nos últimos duzentos anos. De fato, o ruído é tão importante como meio de chamar a atenção que, se tivesse sido possível desenvolver a maquinaria silenciosa, o sucesso da industrialização poderia não ter sido tão completo (SCHAFER, 2001, p.115).

Krause afirma que as paisagens sonoras são apreciadas por muitos de nós, especialmente quando sentimos necessidade de marcar nossa presença. Entre pesquisas e conversas, o autor entendeu que ruído e poder caminham lado a lado.

Quanto mais barulhento o país, mais poderosa a imagem dele. O autor propõe: “pense na atenção despertada por carros com aparelhagem de som estrondoso, motociclistas sem silencioso, ou automóveis superpotentes, cujo som transmite extravagância e arrogância” (KRAUSE, 2013, p.156). Carregamos nossos ruídos por toda a parte, ele afirma, criando paisagens sonoras formadas por sons aleatórios, criando sons que vazam para diferentes espaços.

O autor lembra que estamos na era global da máquina, com todo ruído gerado por ela, e faz um comentário observado por Sasha Frere-Jones, uma crítica musical: “para muita gente hoje, o ruído não é necessariamente um elemento violento ou alienante; o ruído soa mais natural que a natureza” (Frere-Jones, *apud* Krause, 2013, p.163). Ilustra assim, o ruído da sonoridade do trem como um dos sons da vida cotidiana.

O que para uns é ruído, por outros, pode ser percebido como um som pleno de significados distintos relacionados a vivências, experiências afetivas ou memórias. Krause (2013, p.155) explica que gosta de pensar nos “sons que emitimos como poderosos aliados dos sinais que projetamos – uma extensão das roupas que vestimos, de nossos cortes de cabelo, de nossa linguagem corporal, mostras da impressão que queremos passar e de como percebemos uns aos outros”.

No bairro Simões Lopes, um dos interlocutores dessa pesquisa, Geraldo, pertencente à terceira geração de trabalhadores ferroviários, fala que as pessoas costumam reclamar bastante de qualquer barulho: “se for acabar com o ruído de todo o Brasil, o país morre!”, explica. Considera que as pessoas facilmente reclamam de qualquer ruído que não sejam os delas, seja da música do clube perto de sua casa ou do centro espírita que ele ajuda a manter, ou ainda do barulho do trem que passa nos fundos de sua casa.

Ele conta que cresceu com o trem passando “dentro de casa”. Sua casa possivelmente ficava muito perto da linha, como algumas casas do bairro ainda se encontram. Explica que o que estranhou foi o som dos carros passando a toda hora quando se mudou para a atual residência, situada na Av. Brasil, perpendicular à passarela que passa sobre os trilhos e liga o Bairro Simões Lopes ao centro da cidade. Com o asfalto desta avenida cheio de buracos, o que lhe incomoda mais é o barulho dos eixos dos caminhões, principalmente na madrugada, e não o barulho do trem, que não interfere no seu sono.

Marli, esposa de ferroviário, vizinha de Geraldo, também moradora do bairro Simões Lopes, não se incomoda com o trem no seu horário de sono. Porém diz que se acorda com “os guris andando naquela coisa”, o skate: este som, afirma ela, lhe faz despertar do sono. Atribuindo o som do trem a impressões positivas como as lembranças de viagens com sua família.

Vedana (2008, p.137) entende os ruídos como um “falar de si” da vida cotidiana. Este “falar de si” é constantemente elaborado a cada gesto; o ruído seria, então, um “falar de si” indireto:

Uma composição acidental da vida, vozes, sonoridades de gestos e utensílios, das sonoridades das obras da cultura como objetos elétricos ou eletrônicos, nos motores de veículos urbanos, nos sinais que indicam a passagem a ambulâncias e bombeiros, nas músicas controladas junto ao rádio e nas cantorias dos botequins ou das igrejas, e em tudo mais que seja possível enumerar em termos de produção de sons do cotidiano (VEDANA, 2008, p.137).

A proposta da autora é entender como são combinadas e produzidas essas ambiências do cotidiano, configurando assim, a partir de ruídos, paisagens sonoras

que narram uma estética urbana e possibilitam um entendimento dos sentidos que evocam e constroem a vida urbana. Sua ideia é compreender a dimensão sensível do cotidiano a partir das imagens sonoras que o compõe. Essas imagens sonoras são fragmentos de um tempo vivido do cotidiano narrado a partir de sons, os quais evocam imagens mentais, memórias de práticas e gestos que remetem a outro espaço-tempo.

Este tempo vivido é lembrado por Lucio quando escuta o som do trem e explica que é como seu avô dizia: “as pessoas se vão, o tempo passa, mas o som fica”. Emocionado com a sonoridade do trem, conta que quando está em casa e escuta esse “hmmm” e vê de longe aquela luz, sente falta desse tempo em que ele seus familiares trabalhavam e viajavam através da ferrovia. Lucio, é filho e neto de ferroviários, não é mais morador do bairro onde os trilhos do trem passam nos fundos das casas da principal avenida. Porém visita suas irmãs que ainda residem onde fora instalada a antiga vila ferroviária. Ele me diz que cresceu por perto do prédio da estação férrea, apontando, enquanto caminhávamos, para a janela de onde seu pai trabalhava como telegrafista. Lucio trabalhou na linha junto com seu avô e seu pai e diz que quando escuta o som do trem “dá uma saudade...”.

4. CONCLUSÕES

Os sons relacionados aos sinais de alerta como buzinas e sirenes, ou ainda, como lembrado por Krause (2013), a todos os sons que “vazam por toda a parte” podem ter sido reconhecidos como sons indesejáveis, rementendo a aspectos negativos do meio social. Porém no caso do estudo aqui em questão, sobre a sonoridade do trem em Pelotas, caindo nesta categoria de sons de alerta, noto o valor que essa sonoridade carrega para contar de momentos e pessoas.

Neste trabalho, procurei explorar a importância de se atentar para os sons do cotidiano como objeto de investigação antropológica. Acredito ter demonstrado que o ruído pode ser tomado como lugar de análise do nosso meio social, podendo contar sobre vivências e lembranças, remeter a lugares, momentos e trajetórias de vidas que podem ser revisitados, através destes sons.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- KRAUSE, Bernie. **A grande orquestra da natureza**: Descobrimo as origens da música no mundo selvagem. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.
- MALINOWSKI, Bronislaw. Introdução. In: . **Argonautas do Pacífico Ocidental**. São Paulo: Abril Cultural (Os Pensadores), 1978.
- PEREIRA, Andressa Porto. **Sonoridades do Trem na cidade de Pelotas-RS**: Percepções e Significados. 2017. 113f. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Universidade Federal de Pelotas, Pelotas. 2017.
- PETONNET, Colette. A observação flutuante: o exemplo de um cemitério parisiense. **Antropolítica**. Niterói, nº. 25, p.99-111, 2008.
- SCHAFER, Murray. **A afinação do mundo**: uma exploração pioneira pela história passada e pelo atual estado do mais negligenciado aspecto do nosso meio ambiente: a paisagem sonora. São Paulo: UNESP, 2001.
- VEDANA, Viviane. **Gestos e Práticas**: Experiência sensoriais – saberes, odores e sons. No mercado tem tudo que a boca come. Estudo Antropológico da duração das práticas cotidianas de mercado de rua no mundo urbano contemporâneo. 2008: 277f. Tese (doutorado) – UFRGS. Porto Alegre – RS.